

## Experiência e Engajamento

### (Alguns esquemas para um programa de estudos brechtianos)

José Fernando Peixoto de Azevedo (PIBIC/CNPq – DF/USP)

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Arantes

#### 1

Partimos do Brecht da RDA, aquele que em 1951 fixará residência em Berlim Oriental, e, subsidiado pelo Partido da Unidade Socialista, organizará seu *Berliner Ensemble*, e realizará algumas de suas históricas encenações. Partimos daquele Brecht que ali, como insistia Hannah Arendt, em sete anos de trabalho não concluiu nenhuma peça nova e, segundo ela, não teria escrito nenhum grande poema<sup>1</sup>. O Brecht funcionário, como quer Heiner Müller<sup>2</sup>. Esse Brecht dos projetos inacabados, obcecado mais do que nunca pela matéria alemã – *O preceptor* e o seu *Fausto* são apenas sinais disso<sup>3</sup>. O Brecht que aos poucos vai sendo pintado como um mandarim, imagem da boa nova que traria a Alemanha socialista. Imagem estática de um sábio que, em muitos aspectos, o próprio Brecht ajudou a forjar. Mas é exatamente esse o escritor que tentará figurar a história dessa experiência: o que será – e isso nos importa – um experimento fracassado. É que a história não é pura transparência. Suspeitemos daquela tentativa de medir os equívocos do passado pelas certezas do presente – o que é já se situar num futuro sem arestas, o que é sempre falso. O futuro não foi melhor. O socialismo é sempre uma antevisão, tem como medida aquilo que ele não é. Brecht reconhecia, já em 1941, o limite de sua “definição do socialismo como uma GRANDE ORDEM. É preciso defini-lo, no entanto, de uma forma mais prática como uma GRANDE PRODUÇÃO. Produção deve ser entendida naturalmente no sentido mais amplo, e a luta é dirigida à libertação da produtividade, de todos os homens, de todos os grilhões. Os produtos podem ser pão, lâmpadas, chapéus, peças musicais, partidas de xadrez, irrigação, beleza, caráter, jogos etc. etc.”<sup>4</sup>. E aqui já estamos próximos daquele Brecht que irá, em seu *Pequeno Organon*, remanejar o sentido de seu teatro, rever o sentido da reviravolta nele inscrita e suas exigências. Ora, o que deveria efetivar-se no mundo, *como* um mundo novo, *permaneceu* teatro, e o sentido de sua utilidade mudou. Isso Brecht o diz poucos anos antes de se fixar na RDA. Trata-se de um recuo necessário: de agora em diante o teatro está de novo instalado no seio do aparelho burguês, sem outra alternativa imediata, no âmbito do entretenimento; é daí que ele deverá operar sua nova função. Pois o que antes “se praticava como teatro de uma época científica não era ciência, mas sim, teatro, e toda essa porção de inovações, surgidas num período em que não havia possibilidade de demonstração prática (no período nazi e durante a guerra) faz que se torne premente analisar qual a posição deste gênero de teatro dentro da estética ou, então, determinar os traços de uma estética adequada a esta espécie de teatro. Seria demasiado difícil, por exemplo, apresentar a teoria do distanciamento fora de uma perspectiva estética”<sup>5</sup>.



organização da cultura e da sociedade, com o objetivo de reatar o fio que levaria da perspectiva à efetivação revolucionária. Se na década de trinta o "recuo" caracterizava-se por resguardar as conquistas da civilização (burguesa) e a sua *refuncionalização* vanguardista e socialista, agora tratava-se de redimensionar esse material.

#### 4

Mas, em *Garbe*, Brecht não vê mais que uma dicção vacilando entre o terror e a infantilidade, surpreendida no gesto do herói da produção. Produção em que não se inscreve a liberdade, nos termos em que Brecht supunha sua transformação. À fala do operário padrão corresponde uma ideologia sedimentada nas práticas dos trabalhadores. De outra parte, e assim aparece o *Partido*, uma máquina exterior à massa. Se o partido tem sempre razão e nunca se tem razão contra o proletariado, todo o problema estará então nessa razão que agora lhe aparece exterior, tutelando sua ação, que, violenta, aparece sob o signo de uma irracionalidade, que *seria apenas sua*. Mas é possível "compreender o estágio de uma revolução, em que ponto de sua história está, para onde vai, examinando o que está ocorrendo com a *mediação*"<sup>10</sup>, aquela que se dá na relação entre partido e proletariado, cujos termos se qualificam e se determinam *ao mesmo tempo*. É nesse momento, em que uma cisão se configura, que a promessa de um futuro aparece inscrita no passado da revolução. Nesse momento, Brecht terá uma dupla posição. Por um lado, "quando se tornou claro que as manifestações dos trabalhadores estavam sendo malbaratadas para objetivos bélicos" ele expressará sua "concordância com o Partido da Unidade Socialista da Alemanha" esperando, contudo, "que os trabalhadores que se manifestaram em justificável insatisfação não sejam colocados no mesmo pé que os provocadores, de modo que a discussão tão necessária sobre os erros cometidos de todos os lados não seja antecipadamente perturbada"<sup>11</sup> Por outro lado, há o reconhecimento de um erro que faz surgir a contradição talvez irreversível. A resposta das autoridades às manifestações de 17 de Junho, exigindo o trabalho redobrado por parte dos trabalhadores, para que 'recuperasse a confiança' nas ações do Estado, foi o sinal definitivo. A história da RDA é a história de uma "revolução" sem revolução; a implantação de um sistema de produção, sem a base social que lhe correspondesse efetivamente. Ouvindo os operários, e tentando escrever a "história da produção" como história daquela sociedade "possível", Brecht vê-se diante do irrealizável. Em 17 de Junho de 1953 os operários entram em choque com as forças do exército vermelho, evidenciando a contradição de um regime que "só é irrefutável porque é também indemonstrável"<sup>12</sup>. E aqui aparece uma das chaves do problema, indicada contudo pelo próprio Brecht: o material coletado faz remontar ao material abandonado durante os experimentos da República de Weimar. Todavia, Brecht identifica na posição do operariado não apenas a negação de um sistema 'implantado' que o exclui da produtividade enquanto agente, mas sobretudo a *tendência* a uma negação abstrata do sistema e a reposição de formas de pensamento e de ação: o povo que se revolta contra o partido (e essa é uma das faces do problema), e faz destruir seus meios de produção, é, em parte, o mesmo que esteve anos atrás nas fileiras militares do Reich, e não resistiu aos apelos de Hitler. Assim, aquele que deveria ser o clássico da revolução, guardou

no bojo de sua obra as contradições e os impasses de um processo cuja formalização estética evidencia a complexidade de uma história (para muitos recém findada).

## 5

Mas a idéia de uma *nova produção* aparecia em Brecht deslocando o sentido das práticas associadas (então, sua *utilidade* para forjar uma 'grande ordem'), agora livres de qualquer vinco moralizante. Se é verdade que assim circunscrevia politicamente esse caráter associativo, essa visão todavia vinha designando os termos de uma conversão problemática. Na ordem burguesa "o criminoso não produz apenas crimes, mas também o direito criminal e, com este, o professor que produz preleções de direito criminal e, além disso, o indefectível compêndio em que lança no mercado geral 'mercadorias', as suas conferências. (...) O criminoso produz ainda toda a polícia e justiça criminal, (...), juizes e carrascos, jurados etc.; e todos aqueles diferentes ramos, que constituem outras tantas categorias da divisão social do trabalho, desenvolvem capacidades diversas do espírito humano, criam novas necessidades e novos modos de satisfazê-las. (...) O criminoso quebra a monotonia e a segurança cotidiana da vida burguesa. Por conseguinte preserva-a da estagnação e promove aquela tensão e turbulência inquietantes, sem as quais se embotaria mesmo o aguilhão da concorrência. (...) O criminoso aparece como uma daquelas 'compensações' naturais, que restabelecem um equilíbrio adequado e abre ampla perspectiva de ocupações 'úteis'"<sup>13</sup> Ora, abandonar a perspectiva da Grande Ordem, inserir o elemento associativo no âmbito da produtividade, é reconhecer nele uma ambigüidade complexa, de modo que toda negatividade nele inscrita tem o seu momento de positividade, exatamente no âmbito da ordem. Só uma sociedade criminosa produz criminosos. Por assim dizer, está inscrita na positividade do direito a sua negação. O que Brecht enfim percebia é que se, por um lado, como em Marx, tratava-se de "fazer nascer a revolução de seu contrário" donde, trazendo esse problema para a esfera humana, importava "fazer nascer o revolucionário a partir do tipo mau e egoísta por si, sem considerações éticas"<sup>14</sup>, agora era no entanto necessário reconhecer a virada aí inscrita, pois associativos são, antes, aquelas pessoas "possuidoras dos meios de produção e outras fontes de renda. Como tais são associativos, como também o são seus auxiliares e os auxiliares dos auxiliares, mas apenas como tais. É justamente este o evangelho do inimigo da humanidade, o fato de existirem impulsos associativos, personalidades associativas"<sup>15</sup> É uma sociedade fundada na espoliação produtiva que converte em *ordem* essa produtividade alienada. Explicitar essa ordem como *produção* é o pressuposto para sua *superação*, ou, em outras palavras, acirrar a luta "dirigida à libertação da produtividade" Ocorre que a idéia de uma nova produtividade pressupõe aquela superação. Quando no interior de uma *ordem* dita *socialista*, explicitar o seu caráter de produtividade é já um problema, é que a liberdade, longe de ser efetiva, é ela mesma problemática. Quando essa produtividade socialista, que deveria aparecer como *negação* daquela ordem capitalista, lhe concede e mesmo pressupõe o convívio, é que, em algum momento, no bojo das relações, travou-se o processo de sua liberação. Nesse momento, não bastará ouvir o operário padrão para escrever a "história da produção" Sua fala traz as marcas de um passado que se quer projetar como futuro.

## NOTAS

<sup>1</sup> Mas isso é já desconsiderar a evidência de que “a vasta obra brechtiana – (...) até os últimos poemas escritos na República Democrática Alemã – vem marcada, com todos os seus momentos de inflexão e mesmo ruptura, por uma unidade que reside, em última instância, na impregnação social de suas produções líricas, dramáticas e narrativas” Cf. Marcus V. MAZZARI, “Água mole em pedra dura: sobre um motivo taoísta na lírica de Brecht” in *Estudo Avançados*, 14 (39), 2000.

<sup>2</sup> Cf. a tese de mestrado de J. GALIZI, *A constelação do Zênite: imaginação histórica e utópica em Heiner Muller*, UNICAMP; Francine MAIER-SCHAEFFER, *Heiner Muller et le 'Lehrstück'*, Berne, Collection Contacts, Peter Lang, 1992; de Heiner MÜLLER, *Guerra sem Batalha: uma vida entre duas ditaduras*, tradução de Karola Zimber, São Paulo, Estação Liberdade, 1997.

<sup>3</sup> Cf. J. PASTA Jr., *Trabalho de Brecht*, São Paulo, Editora Ática, 1988; Hans MAYER, *Brecht et la tradition*, tradução de Jean-Claude François, Paris, L'Arche, 1977

<sup>4</sup> Cf. Bertolt BRECHT, *Arbeitsjournal*, 7 de Março de 1941, tradução de Ingrid D. KOUDELA, in op. cit., p. 37.

<sup>5</sup> B. BRECHT, Prólogo do “Pequeno Organon para o Teatro” *Estudos sobre teatro*, Editora Nova Fronteira, 1978, p. 100.

<sup>6</sup> Cf. BRECHT, “Garbe-Büsching” *Werke*, Berlin-Frankfurt/M, Aufbau-Suhrkamp, v. 10 (2) e, ainda, as obras já referidas de GALIZI; F. M. SCHÄFFER; Heiner MÜLLER.

<sup>7</sup> Apud Frederic EWEN, *Bertolt Brecht: sua vida, sua arte, seu tempo*, tradução de Lya Luft, São Paulo, Editora Globo, 1991, p. 418.

<sup>8</sup> “Ora, o *Pequeno organon*, portanto, numa economia geral da obra, está para *A compra do latão* como este está para o teatro no conjunto da obra de Brecht. Constroem, assim, um diálogo de totalidades parciais e totalidades totais, que se remetem reciprocamente umas às outras, gerando um movimento difícil, senão impossível, de ser reduzido. Isto porque, às remissões recíprocas desses conjuntos, que se poderiam reduzir à inclusão ‘em abismo’ do menor pelo maior numa série finita de três ou quatro termos, sobrepõe-se a relação acabado-inacabado e aparentemente mais fortuita, a de seu par publicado-impúblico”, PASTA Jr., op. cit., p. 91.

<sup>9</sup> EWEN, op. cit.

<sup>10</sup> Cf. M. MERLEAU-PONTY, “O futuro da revolução” in *Signos*, tradução de M. E. G. G. Pereira, São Paulo, Editora Martins Fontes, p. 315 e seguintes.

<sup>11</sup> EWEN, op. cit., p. 426.

<sup>12</sup> M. M.-PONTY, op. cit.

<sup>13</sup> K. MARX. “Concepção apologética da produtividade de toda profissão”, in *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Tradução de Reginaldo Sant’Anna, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

<sup>14</sup> Cf. W. BENJAMIN, “Bert Brecht”, *Documentos de Cultura, documentos de barbárie*, tradução de Wille Bolle et alii, São Paulo, Cultrix/EDUSP, p. 124.

<sup>15</sup> KOUDELA, op. cit., p. 37.